

GRANDE TEATRO PHILLIPS.

YÁYÁ BONECA - DE ERNANI FORNARI

ADAPTAÇÃO E REALIZAÇÃO DE ÉRICO CRAMER

.....

SLIDES:

- 1º) TV PIRATINI apresenta
- 2º) O GRANDE TEATRO PHILLIPS
- 3º) com YÁYÁ BONECA
- 4º) de ERNANI FORNARI
- 5º) Num desempenho de  
~~SECILIA ALCANTARA~~ MARIZA FERNANDA
- 6º) ODILON LOPES
- 7º) LINDA GAY
- 8º) GERSON LUIZ. ?
- 9º) ~~FÁTIMA MARIA~~
- 10º) GUDY EMUNDS ?
- 11º) ~~BRANCA DE NEVE~~
- 12º) J. PIRES  
JORCELY MARQUES
- 13º) LUIZ CARLOS MAGALHÃES  
ZENO RIBEIRO
- 14º) CENOGRAFIA DE EMIL SZELINSZKY
- 15º) CONTRA REGRA DE.....
- 16º) SONOPLASTIA DE.....
- 17º) ILUMINAÇÃO.....
- 18º) CAMERAS...
- 19º) ÁUDIO...
- 20º) PROJETOR...
- 21º) ASSISTENTES.....
- 22º) SUITE...
- 23º) ADAPTAÇÃO E REALIZAÇÃO de Érico cramer

ÁUDIO: - PREFIXO MUSICAL GRANDIOSO,  
FUNDE COM MUSICA NEGRA.

ÁUDIO: - DISSOLVE.

ABERTURA em P.A, de BONECA, EM TRAJE  
CASEIRO, COM VESTIDO BRANCO SALPICA  
DO DE FLORES, DEITADA NUM CANAPÉ DE  
BARRIGA BAPAR BAIXO, LENDO UM MANUS-  
CRITO.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA.

DÉDÉ ENTRA PELA CÂMERA E VAI PASSAR  
PARA A SALA DE VISITAS. VÊ BONECA.

(CONT.) PARA E DÁ UM GRITINHO. DEDE  
ESTÁ VESTIDA DE CINZA COM RENDAS PRE  
TAS E USA PINCE NEZ DE CORRENTINHA.

DEDE - Ui!... (Benze-se depressa)

BONECA - (rindo) Que foi, prima Dêdê?  
Alcun bicho a picou?

DEDE - (cruza os braços) Muito bonito,  
Yáyá Boneca! (benze-se) Cruzes!

BONECA - Que foi? Acaso viu o demo?

DÊDÊ - Então isso são modos de moça bran  
ca, Yáyá? De barriga para baixo?

BONECA - Ué! Que é que tem isso? Acaso  
você não se deita sempre assim?

DÊDÊ - (irritada) Menina, acho melhor  
trabalhar nos bilros que esses modernis  
mos são bons para as ramenhas, compreen  
deu? Pensa que não a vi, ontem, cruzando  
as pernas?

BONECA - Óra deixe-me ler socorada, é o  
que é.

DÊDÊ - E o que é que você está lendo?  
Deixe-me ver.

CORTE.

P.A. de BONECA

BONECA COBRE OS PAPEIS COM OS BRAÇOS.

BONECA - Vá embora, prima. Não me zangue  
por favor. ~~É~~ Você não é minha mãe, sa  
be? É melhor ir rezar seu terço "ou en  
tão beijar o camafeu que o seu Vadico  
lhe deu".

CORTE.

P.P. de DEDE, perplexa.

DÊDÊ - Quem?!... Eu?!... Beijar o cama  
feu?!... Virgem Maria! Que calúnia, Yáyá

CORTE.

P.A. das duas.

BONECA - Pensa que eu não vi pelo buraco da fechadura, é? E sabe que mais, prima? Vá buziar outro.

DEDE - Credo! Que linguagem! No mínimo está aprendendo essas modernices com o seu Arnaldo, não é? Vou contar tudo a vovô.

DEDE VOLTA POR ONDE TINHA ENTRADO

DEDE - Virgem Santissima! Isso é o fim do mundo.

P.A. de BONECA que se senta no sofá.

BONECA - Invejosa! Intrigante.

BONECA CONTINUA A LEITURA SENTADA. ENTRA MERENCIANA COM UM ARBEIRO NA MÃO. VAI COLÓCÁ-LO NA ESCRIVANINHA E BONECA JOGA-LHE UMA ALMOFADA. ELA SE ASSUSTA E DÁ UM GRITO.

CORTE.

P.A. de MERENCIANA

CORTE

P.A. de BONECA

CORTE

P.A. de MERENCIANA

CORTE

P.A. de BONECA

MERENCIANA - Ui! Jesus! Que susto nhá Boneca me deu!

BONECA - Que é que você estava resmungando, bá Merenciana?

MERENCIANA - Descurpe, nhãnhã, mas esse nequinhão desinfeliz me dá consume da vida. O sinhô divia lutá ele no tronco pra corrigi.

BONECA - No tronco, bá? Mas você sabe que não há tronco aqui em casa.

MERENCIANA ENTRA EM QUADRO.

MERENCIANA - Sei, sim. O sinhô é munto bõ. Mas divia de tê tronco só pro Cristino. Tá ficando com espírito malinho no corpo, nhãnhã.

BONECA -(censura) Ele é seu filho, bá!

MERENCIANA - É, sim, mas parece fio de capeta. (benze-se) Credo em cruz que nhãnhã mamou nos memo peito que êle.

BONECA - Está vendo? A gente não deve dizer coisas ruins. Que foi que ele fez?

CORTE

P.P. de MERENCIANA

CORTE

P.P. de BONECA

AFASTAMENTO até enquadrar as DUAS.

MERENCIANA - Encarrapichô toda a senzala. As nequinha tão tudose queixando. Vô pidi pro feitô metê a parmatoria nele.

BONECA - Não faça isso ao Cristino que ele alem de meu paem, me pertence, bá. (TOM) E depois fui eu que o mandei colher carra pichos.

MERENCIANA - Vossuncê, nhãnhã? Mas pruguê feiz isso, Santo Deus?

BONECA - (rindo) É cá pra uma coisa que eu sei, bá.

MERENCIANA - Hum-hum.

BONECA TORNA A SE DEITAR NO CANAPÉ

MERENCIANA - Nhá Boneca num vai se deitá? Tá tudo assestiando.

BONECA - Eu já estou deitada, bá.

MERENCIANA - Mas aí, nhãnhã? Daqui um mudo cheza nhô secretário e v. i. vê nhãnhã desse jeito.

BONECA SE LEVANTA DE UM PULO

BONECA - Ah e pr falar nele, bá: sabe o que descobri?

MERENCIANA - Não, nhãnhã. Que foi?

BONECA - (misterio) O seu Arnaldo é poeta, bá Merenciana.

MERENCIANA - Jesúis! Não me diga, nhãnhã.

BONECA - Sim senhora. É poeta e está apaixonado, bá. Imagine!

MERENCIANA - Coitadinho! É pru quem, nhá Boneca? Será memo pela Sinhá Dêêê?

BONECA - Cruzes! Nem deseje tamanho mal a seu Arnaldo, coitado! (senta-se) Já estou muito arrependida de ter inventado essa história. É por outra pessoa muito

CORTE

P.P. de BONECA, atropalhada

BONECA - (CONT.) bonita, muito inteligente, mas eu não posso dizer o nome porque é seredo, bá.

MERENCIANA - E como foi que nhãnhã adescobriu isso?

BONECA - Bem... Não vê que eu estava ali perto da escrivadinha, não é? E nisso ouvi um estalo. Plim! Fui olhar e a lingueta havia saltado pra fora. Deu ar na fechadura, bá. Eu então abri a saveça devararsinho... A gente tem que ver pra saber, não é? E estavam os versos do secretário bem em cima. São tão bonitos! bá!

CORTE

P.P. de MERENCIANA, desconfiada

MERENCIANA - Mas nhãnhã, deu memo é na fechadura? Isso se dá de vridade?

CORTE.

P.A. das DUAS

BONECA - Pois é. Exquesito, não é? Eu também fiquei muito espantada.

MERENCIANA - (sacudindo a cabeça, sorridente) Quá! Pelos modo, isso é istrupício do tinho-so. (rindo) E como é que vai sê, agora? Daqui a pouco chega nhô Arnardo.

BONECA - Ah, não se preocupe. O Cristino aceita, depois. Agora ouça só que mimo: (lendo cantado, cheia de ademanes)

Sou pobre e sonhador; sois rica e bela!  
É vã loucura amar gentil senhora!

Não pode o bardo a virginal capela  
Cinsir à frente que a fortuna doura...

MERENCIANA - Que fremosura, nhãnhã!

BONECA - (encantada) Lindo!

CORTE.

P.P. de CRISTINO, ao fundo.

CRISTINO - Iáíá! Nhá Boneca! Neguinho pode entrá?

CORTE

P.A. de BONECA, com Cristino ao fundo.

BONECA - Pode sim, Cristino.

CRISTINO VEM ATÉ ONDE ESTÁ BONECA, RISONHO E SEMPRE A SE COÇAR E A SE ESTREGAR NAS PORTAS. PARECE SEMPRE AGITADO POR MOLAS. BOTA AS MÃOS SOBRE A ESCRIVANINHA. ESTÁ DE CHAPEO.

AFASTAMENTO até enquadrar MERENCIANA

MERENCIANA (Abreliada) Que é que tú vem fazê aqui, nego descarado? Desencosta daí. Não bota as mão nos móve que tú vai melá tudo. Tira esse chapeo, malinducado.

CRISTINO - Num posso véia. Num dá pra tirá êle.

MERENCIANA - Ué! Pru quê, gentes?

CRISTINO PISCA UM OLHO PARA BONECA.

CRISTINO - Pruque... praque nhá Boneca n m deixa.

MERENCIANA OLHA PARA BONECA

BONECA - É, sim, Cristino está proibido de tirar o chapéo.

MERENCIANA - Hum, hum! Nhá Boneca tá dando munta confiança pra esse tição.

BONECA - Deixe o Cristino comigo que nós nos entendemos, bá.

CORTE

P.P. de CRISTINO, cínico, piscando o olho a MERENCIANA

CRISTINO - Pai João tá te percurando dêi de já hoje, véia.

CORTE

P.P. de MERENCIANA, desconfiada.

MERENCIANA - É vredade, crioulo?

CORTE

P.P. de CRISTINO, beijando os dedos em cruz.

CRISTINO - Pur essa luz, véia.

CORTE

P.M. dos TRES

MERENCIANA - Antão eu vô lá, nhá Boneca

*que Cristino cubra*  
MERENCIANA SAL DE QUADRO. CRISTINO *pela porta*  
OLHA, ESPERANDO QUE ELA SE AFASTE.

CRISTINO - Truxe uma muntuera de carrapi-  
cho, yáyá.

CRISTINO TIRA O CHAPELO E PEGA UM MONTE  
DE CARRAPICHOS.

CRISTINO - E êsse é do bão memo. Pega que  
nem grude.

BONECA SE AGACHA E ABRE UM LENÇO PARA  
RECOLHER OS CARRAPICHOS E DEPOIS AMARRA.

BONECA - Chi, que beleza! Tú andaste botan-  
do carrapicho nas negrinhas; não foi?

CRISTINO - (rindo) Foi sim. Elas ficaro  
fula. Antão a Florentina...

BONECA DE REPENTE SE LEMBRA E SE ATRAPALHA

CORTE

P.P. de BONECA, atrapalhada

BONECA - Ah, Cristino, endireita depressa  
ali a fechadura antes que seu Arnaldo che-  
gue.

AFASTAMENTO até enquadrar Cristino

CRISTINO - Ué! Deu ar nela outra vez, iáíá

BONECA - Deu. Bota esses papeis na gaveta  
e trata de fechá-la bem depressa. Vamos,  
Cristino, ligeiro.

CRISTINO - Tô ligerando, iáíá.

CRISTINO COLOCA OS MANUSCRITOS NA GAVETA  
E COM O CANIVETE COMEÇA A CONFERIR A FE-  
CHADURA. BONECA VAI AO FUNDO E VE ARNALDO,  
AO VOLTAR-SE. FAZ UM SINAL A CRISTINO E SE  
ESCONDE RÁPIDA. CRISTINO NÃO VE E SEGUE MEXEN-  
DO NA FECHADURA. ENTRA ARNALDO COM A TABAQUEIRA  
NA MÃO. É MAGRO, TRISTE E USA A BARBA EM COLAR.  
TRAZ UM LIVRO DE ESCRITURAÇÃO COMERCIAL EM BAI-  
XO DO BRAÇO. CRISTINO NÃO O VE ENTRAR.

CORTE

P.P. de ARNALDO, na porta

ARNALDO - Que estás fazendo aí, moleque?

CRISTINO DA UM PULO, ASSUSTADO.

CORTE

P.A. de CRISTINO

CRISTINO - Eu... eu tava vendo se tinha cupim na gaveta, sim sinhô. Pur essa luz, ioloso!

CRISTINO BEIJA OS DEDOS EM CRUZ

CORTE

P.A. dos DOIS

ARNALDO - Cupim na gaveta! Há dias que venho notando os meus papeis mexidos. Ontem eu os marquei. Ai de ti se não estiverem como os deixei.

ARNALDO EXAMINA A GAVETA E AVANÇA PARA CRISTINO QUE RECUA PARA O MEIO DA SALA.

ARNALDO - Negro ordinário! Quem te mandou fazer isto?

AFASTAMENTO até enquadrar boneca que entra a cantarolar, rodando o lenço entre os dedos.

ARNALDO PARA SURPRESO OLHANDO PARA ELA.

ARNALDO - Como?!... Mas então?... então foi yá yá?

BONECA - (surpresa fingida) Eu?! Eu que, seu Arnaldo?

ARNALDO SACODE A CABEÇA COM AMARGURA E NÃO RESPONDE.

BONECA - Vamos, Cristino, mexe-te. Vai fazer o que eu te mandei; não ouviste?

CRISTINO SAI RÁPIDO, OLHANDO PARA TRAZ.

CORTE

P.P. de ARNALDO, triste.

AFASTAMENTO até enquadrar BONECA.

ARNALDO - Por que fez isso, iá iá?

BONECA - Isso que, seu Arnaldo?

ARNALDO - A senhora magoou-me profundamente, iá iá. E se a sua intenção era prejudicar a minha vida, alcançou o que quiz.

ARNALDO VAI À ESCRIVANINHA E COMEÇA A TIRAR TODOS OS PAPEIS. BONECA VAI ATRAZ DELE.

BONECA - Prejudicá-lo por que, seu Arnaldo?  
Só porque li seus versos?

ARNALDO - Iáíá não pode compreender. Seria  
preciso... (corta).

CORTE

P.P. de Iáíá BONECA, subitamente  
zangada e com as mãos na escriva  
ninha.

AFASTAMENTO até enquadrar os DOIS

BONECA - Diga. Não tenha receio. Seria pre-  
ciso ter alma, não é isso? Também o senhor se  
deixou influenciar pela opinião da prima Dêdê  
não é assim? E por que? Porque eu quiz ver se  
era o senhor quem tinha alma?

ARNALDO CESSA DE TIRAR OS PAPEIS DA GAVETA

E FICA A OIHAR PARA ELA, ESCUTANDO-A.

BONECA - Sim, eu sei que para todos, nesta ca-  
sa, sou uma desalmada, só porque no meio de  
tanta gente carrancuda, sou alegre e faladora  
Mas algum dia fiz mal a alguém? Diga. Fiz?

ARNALDO TENTA FAIAR MAS EIA NÃO DÁ TEMPO.

BONECA - Não me fale no caso de minha irmã,  
seu Arnaldo. Por favor não me toque nesse as-  
sunto.

ARNALDO - Mas eu não ia falar nisso, iáíá.

BONECA - (obstinada) O senhor bem sabe que fiz  
aquilo sem querer. E tanto é assim que a mana  
Alina me perdoou, quando deveria odiar-me se  
eu realmente lhe tivesse feito tanto mal de  
propósito. Isso foi tudo invenção de Dêdê.

(TOM) É verdade que eu estimava muito Walde-  
mar e fiquei triste com o rompimento do namo-  
ro dele com Alina; mas não seria tão má que..

ARNALDO (corta) Mas eu não disse que é má,  
iáíá.

IÁIÁ DÁ AS COSTAS A ARNALDO, AMUADA

BONECA - É, não disse. Não disse mas pensou.

ARNALDO - Não, iáíá, eu pensava apenas no meu caso, já que agora sou obrigado a retirar-me de sua casa.

BONECA - Mas pelo amor de Deus, seu Arnaldo por que ir embora? Isso me faria muito infeliz; sabe?

ARNALDO - Lamento muito, iáíá, mas já não pode ser de outro modo.

BONECA - Não pode ser? Mas Jesus eu não estou compreendendo nada! Mas será mesmo que eu não tenho alma, meu Deus?! (desespero) Será que todos têm razão? Seu Arnaldo, juro-lhe por Deus Nosso Senhor como não fiz por mal. Foi simples curiosidade. (chora) Eu até gosto muito do senhor, seu Arnaldo.

ARNALDO FICA CHEIO DE DEDOS, RECEOSO, OLHANDO PARA TODOS OS LADOS, ASSUSTADO.

ARNALDO - Oh, perdoe-me, iáíá. Mas por favor não chore. Eu não quiz feri-la. Escute: vamos falar como amigos, vamos?

IAIA BONECA SACODE A CABEÇA AFIRMATIVAMENTE

ARNALDO - Então compreenda a minha situação. Desde que, com a morte de meu pai perdemos a fortuna, e passei a viver dos favores de seu avô...

BONECA, ENTRE SOLUÇOS, ASSOANDO-SE NO LENCINHO

BONECA - Vôvô não lhe faz favores. O senhor ganha porque trabalha.

CORTE

P.P. de ARNALDO, suave

ARNALDO - Então por que nunca me poupou, iáíá?

CORTE

P.A. dos DOIS. BONECA com expressão de surpresa.

ARNALDO - Não há dia em que eu não saia daqui com carrapichos nas costas e além disso, iáíá mandou o Cristino espalhar que eu

ARNALDO -(CONT) estava apaixonado por dona Dêdê e ela por mim. Deixou-me muito mal diante de sua prima para desfazer tão desastrosa brincadeira.

BONECA - Desastrosa?

ARNALDO - Sim, iáíá. Uma mulher ainda suportar ser traída, mas nunca perdoa o ter sido recusada. E hoje, por causa disso, dona Dêdê odeia-me.

CORTE

P.P. de BONECA

BONECA - Sim, foi uma travessura, concordo, mas eu não inventei totalmente. Dêdê antes de namorar o seu Vadico, gostava do senhor que eu sei. E já que o senhor é tão tímido, eu quiz forçar o namoro. Podia acertar, não é? Se fiz mal, -era por ser muito criança.

CORTE

P.A. dos DOIS

ARNALDO - Era?

BONECA ENCARA-O, DESAGRADADA

ARNALDO - Perdoe-me, mas iáíá ainda não aprendeu a medir as consequências das suas travessuras. Quererá dizer-me por que razão seu Vadico cada vez tem mais raiva de mim?

BONECA - (rindo escondido) Bem... é que... quer dizer... eu convenci o velhote de que o senhor ainda gosta de Dêdê e que ele não devia se decidir a pedi-la porque o senhor ameaçara suicidar-se na frente deles, caso eles se ~~casassem~~ casassem. (Ri)

ARNALDO - Mas iáíá, por que fez isso?

BONECA - Ora, para judiar com os dois que não gostam de mim.

ARNALDO - E para judiar com eles, jogou-os contra mim?

CORTE

P.P. de DÊDE que vai entrar, vê os dois e recua, escondendo-se e ficando a escutar.

BONECA - Bem, mas eu já estou desmanchando tudo.

CORTE

P.P. de ARNALDO

ARNALDO - Bem, mas não é esse o motivo que me leva a abandonar esta casa.

BONECA - O senhor ainda persiste? Mas por que, seu Arnaldo?

ARNALDO - Porque eu tinha um segredo, iáíá, que era a minha única riqueza. Guardava-o desde muito antes de sinhá Alina romper com Valdemar. Quando, ha quatro anos ele partiu para a Europa, um pouco de luz encheu meu coração. Pensei comigo: agora sou eu só a amá-la. Mas era um sonho silencioso e sem esperança... Iáíá descobriu o meu tesouro. Como poderei ficar nesta casa que eu não soube respeitar?

CORTE

P.P. de BONECA, admirada

*Ela levanta e vai um pouco ao fundo.*

CORTE

P.A. dos DOIS

*Ele lev. também.*

BONECA - Mas seu Arnaldo, então a gente deixa de respeitar as pessoas a quem ama só pelo fato de amá-las? Qual a razão porque não possa confessar o seu amor pela mana?

ARNALDO - Porque não passo de um dependente de seu avô.

BONECA - Ora, isto não é razão, seu Arnaldo.

ARNALDO - Quando iáíá conhecer melhor o mundo, há de ver a razão. Depois... nada me autorizava a amá-la sem o seu consentimento. Nem ao menos sei se sinhá Alina simpatiza comigo. Não faz mal, iáíá. Sei que não agiu por maldade mas ainda assim devo ir embora. Somente lhe peço uma coisa: se lhe mereço algum carinho, guarde com a senhora o meu segredo. Foi uma loucura minha.

BONECA - Não, não, seu Arnaldo, não vá embora, sim? Prometo-lhe não dizer nada a ninguém. E sabe? Tenho uma ideia: prometa-

CORTE

P.A. de DEDE escutando escondida.

OUVE-SE A TOSSE DO CONSELHEIRO. DEDE  
SE RETIRA RÁPIDAMENTE.

CORTE

P.A. de BONECA e ARNALDO

BONECA - Chi! Ai vem o vovô, seu Arnaldo.  
CORRE A SE ESCONDER E FICA A ESPIAR DO FUNDO.  
CONSELHEIRO ENTRA EM QUADRO.

CONSELHEIRO - Boa tarde, senhor secretário  
CONSELHEIRO BOTA O JORNAL QUE TRAZ SOBRE  
A ESCRIVANINHA.

ARNALDO - Boa tarde, senhor Conselheiro.  
Vossa Mercê sesteou bem?

CONSELHEIRO - Bem, obrigado, apesar de te  
rem enchido minha cama de carrapichos.

OFERECE RAPE A ARNALDO

*Entra boneca e  
vai ao cabelo*

CONSELHEIRO - Está servido?

ARNALDO - Agradecido.

CONSELHEIRO - Ultimamente não sei de on  
de tem surgido tanto carrapicho

OUVE-SE O RISINHO DE BONECA AFASTADO.

O CONSELHEIRO SE VIRA E DESCOBRE-A.

CONSELHEIRO - Ah, estás aí?

BONECA VEM A ELE-

BONECA - Sua benção, vovôsinho.

CONSELHEIRO - Deus te dê juízo. De que  
ris? Atrapalhando o senhor secretário, não  
sua tagarela?

ARNALDO - Oh, absolutamente não, senhor  
Conselheiro.

CONSELHEIRO - Colheu os dados que lhe pedi  
para enviar ao deputado Montezuma?

ARNALDO - Só falta Vossa Mercê assiná-los. Já estou também tirando uma cópia do discurso para enviá-lo ao Jornal do Comercio na véspera da inauguração do Clube da Maioridade.

CONSELHEIRO - E que tal? Gostou do discurso

ARNALDO - Extraordinariamente. Creio que repercutirá na opinião pública.

CONSELHEIRO - É o que é preciso. Esses nove anos de Regência tem sido calamitosos para o Paiz. O Ministério teima em só querer declarar a maioridade do menino-Imperador aos dezoito anos, mas nós havemos de declará-la já. Se fôr preciso fundaremos Clubes de Maioridade em todas as províncias. A despeito de seus quatorze anos, o Snr. D. Pedro já é um homem completo pela inteligência e ponderação. Não de ver esses traidores.

CORTE

P.P. de CONSELHEIRO

AFASTAMENTO até P.G. CENA

CONSELHEIRO SENTA NA ESCRIVANINHA E VÊ AS GAVETAS VASIAS, EXTRANHANDO.

CONSELHEIRO - Que é isso? Esvaziou as gavetas?

ARNALDO SE MOSTRA ATRAPALHADO, PROCURANDO OS PAPEIS E BONECA CORRE EM SEU AUXÍLIO, NERVOSA.

BONECA - É que... é que o seu Arnaldo, não é?... queria ver se tinha cupim na gaveta, não é? (suplice, para Arnaldo) Cupim, seu Arnaldo, cupim.

ARNALDO - Ah, sim, sim... justamente. Cupim, senhor Conselheiro, cupim.

BONECA - Já lhe trago a terebentina que o senhor pediu, seu Arnaldo.

ARNALDO - Eu pedi terebentina?

CORTE

P.P. de BONECA

BONECA - Pois então não se lembra mais, seu Arnaldo? A terebentina, seu Arnaldo, a terebentina.

CORTE

P.P. de ARNALDO, compreendendo

ARNALDO - Ah, sim, sim... justamente... terebentina.

CORTE

P.A. dos TRES

BONECA - Com licença, sim vovô?

BONECA VAI SAIR E PARA NA PORTA, CHAMADA PELO SENHOR CONSELHEIRO.

CONSELHEIRO - Olha, filha, diga à mucama que prepare a terebent... o café.

BONECA FAZ UM SINAL AFIRMATIVO E SAI.

CONSELHEIRO - Singular... que terá hoje Boneca?

FAZ UM GESTO DE QUEM PEDE A PENA PARA ASSINAR OS PAPEIS QUE JÁ ESTÃO À SUA FRENTE. SENTE QUE ARNALDO NÃO LHE ENTREGA E OLHA PARA ELE.

CORTE

DET. da mão de ARNALDO com o azeiro

virado, derramando areia sem ele ver.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS.

CONSELHEIRO - Desse modo, não há areia que chegue.

ARNALDO LEVA UM SUSTO E COMEÇA A LIMPAR A MESA QUE SUJOU DE AREIA, DANDO A PENA A CONSELHEIRO QUE ASSINA OS PAPEIS.

CONSELHEIRO - Parece-me um pouco desassossegado. Aconteceu-lhe alguma coisa?

ARNALDO - Não, senhor Conselheiro.

CONSELHEIRO - Então o senhor deve andar apaixonado.

CORTE

P.P. de ARNALDO, num sobresalto

ARNALDO - Por... por que imagina tal, senhor Conselheiro?

CONSELHEIRO - Por nada. O senhor é moço... seria muito natural.

CORTE

P.A. dos DOIS

ARNALDO - Mas sou pobre, senhor Conselheiro.

CONSELHEIRO - E que tem isso? Pobreza não é impedimento. Também já fui pobre e foi justamente quando me casei.

ARNALDO - Mas vossa Mercê, já em moço, era um homem excepcional, ao passo que eu...

CONSELHEIRO - Um homem deve ter sempre confiança em si, senhor secretário. É condição de êxito. Além do mais, terminado um dia o seu curso de jurisprudência, ou quiçá melhorada a sua situação atual...

ARNALDO - Como diz Vossa Mercê?

CONSELHEIRO - Nada, nada. É um projeto do qual hei de falar-lhe mais tarde.

CORTE

P.P. de Cristino, ao fundo

CRISTINO - Dá licença, sinhô? Tá aí o sôr Vigário com o seu Vadico.

CORTE

P.A. de CONSELHEIRO E ARNALDO

CONSELHEIRO - Mande-os entrar para cá. Esse moleque, dia a dia fica mais levado. Boneca está me estragando esse negro.

ARNALDO - Ainda são muito crianças, senhor Conselheiro.

CONSELHEIRO - Crianças? Ela com 15 e ele com dezeseite? Desmiolados é que são.

AFASTAMENTO até P.G. da CENA

VIGÁRIO - (de dentro) Dá licença para dois?

CONSELHEIRO - Ora bem vindo seja, senhor vigário. A casa é sua e o tableiro de gamão espera-o para o capote costumeiro.

VIGÁRIO - Que a paz do Senhor reine nesta casa.

TODOS - Amen!

VADICO - Ora viva quem vive. Boa tarde.

ARNALDO - Boa tarde, seu Vadico.

VADICO - (apertando a mão ao Conselheiro) Então como passa o ilustre compadre?

CONSELHEIRO - Olá, compadre Vadico! Bons olhos o vejam. Então, como vai da memória e de atividade política?

CONSELHEIRO FAZ UM GESTO CONVIDANDO A SENTAR.  
TODOS SENTAM.

VADICO - Maravilhosamente. Da memória quasi bom com o tratamento que estou fazendo e politicamente parece que... parece que... (coça a cabeça) Bonito! Que era mesmo que eu dizia, senhor vigário?

CORTE

P.A. de VIGÁRIO, numa risada

VIGÁRIO - "Da memória quasi bom com o tratamento que estou fazendo. Politicamente parece que... "

CORTE

P.M. de VIGÁRIO, VADICO e CONSELHEIRO

VADICO - Ah, é isso. Pois como dizia, parece que venceremos e se vencermos já me está prometida uma cadeira de deputado pela Província de São Paulo nas próximas eleições.

CONSELHEIRO - Pois felicito-o. E creio que só assim seu filho ganhará madrasta, não?

VADICO SE LEVANTA E PASSA PARA O MEIO DA CENA  
A OLHAR DESAFIADORAMENTE PARA ARNALDO.

VADICO - Evidentemente. Só espero a deputação para casar. (Acentuando) E como está passando dona Dêdê? (Olha para Arnaldo)

CONSELHEIRO - Sempre às voltas com o rosário. No momento, porem, deve estar sesteando.

VIGÁRIO - E sinhá Alina, coitada, como vai de saude?

CONSELHEIRO - Hoje está bem. Nos dias em que ameaça chuva é que ela sofre mais um pouco. Ante-ontem apareceu-me aqui mais um médico de fama. Examinou-a e acabou aconselhando-me a mandar benzê-la com arruda e fiociona-la, depois, com uma mistura de pólvora e sumo de algodão. Dei-lhe duas patacas, mandei o

CONSELHEIRO - (CONT.) feitor dar-lhe dois gritos e pusemo-lo fora.

VADICO - Muito bem, compadre. Se todos fizessem assim, acabavam-se esses físicos charlatães.

VIGÁRIO - Pois eu coloquei tres velas no altar de São Sebastião, em intenção de sinhá Alina.

CONSELHEIRO - Obrigado. Creio que só mesmo um milagre. A pobrezinha não se queixa, mas sei bem como sofre interiormente.

VADICO - E Iáíá Boneca?

CORTE

P.P. de CONSELHEIRO

CONSELHEIRO - Como sempre, no melhor dos mundos. Mimei-a demais, compadre. Também... perdeu os pais tão cedo! Ela é que deveria ser a mais triste de todos, já que foi só por sua causa que tudo isso aconteceu.

AFASTAMENTO até enquadrar Vigário

VIGÁRIO - Iáíá boneca procura ser alegre para que a irmã esqueça as próprias tristezas. E sinhá Alina bem compreende a alma da maninha.

CONSELHEIRO - (pensativo) A alma da maninha? Vossa Reverendíssima quer saber de uma coisa? Por vezes, eu que a quero tanto, chego a pensar que Dêdê tem razão.

VADICO - (cínico) Oh compadre, não diga isso! (pigarreia).

CONSELHEIRO - Deus me perdoe se o que estou dizendo é alguma blasfêmia.

VIGÁRIO - É blasfêmia, sim senhor e da boa! Vossa Mercê caiu em pecado. Todos os seres humanos têm alma e saiba mais: que toda a alma é boa. O que sucede é que há pessoas que são assim como certos violinos baratos: para darem bom som é preciso deslocar-lhes a alma! É uma vez acertada a alma do instrumento ordinário, seu som, às vezes, não fica a invejar nada o dos Stradivarius.

CORTE

P.P. de VIGÁRIO

P.A. dos TRÊS

VADICO - (ar de entendido) Belo, Sr. Vigário!

CONSELHEIRO - Quer dizer que se pode deslocar a alma a uma pessoa, como a um violino? Mas como? Quando? Quem?

VIGÁRIO - Quem? Quando não a Religião, o sofrimento. Um desses dois acaba sempre por lhes ajustar a alma ao corpo nem que seja no último dia. (Persignando-se) O próprio Voltaire - Deus o perdõe - não se converteu na hora da morte? Não deslocou a alma no último instante?

VADICO - Ah, lá isso é verdade.

CONSELHEIRO - Pois que minha neta não encontre tão tarde a um desses deslocadores de alma, é só o que desejo, senhor Vigário.

VIGÁRIO - A qual das netas Vossa Mercê se refere?

CONSELHEIRO - A Boneca, naturalmente.

VIGÁRIO - (sutil) Ah, bem. Cuidel que vossa Mercê se referisse a D.Dêdê.

VADICO OLHA O VIGÁRIO DESCONFIADO. O CONSELHEIRO OLHA O VIGÁRIO ANALISANDO-O.

LHEIRO OLHA O VIGÁRIO ANALISANDO-O.

CONSELHEIRO - Bem, bem... não falemos mais nisso. ~~X~~ Tem desafiar-me para um torneio de gamão ou vem me trazer novidades?

VIGÁRIO - Exatamente a última hipótese. Dois motivos.

VADICO - Tres, senhor Vigário, tres.

VIGÁRIO - (rindo) Exatamente. Parabens pela boa memória.

VADICO - Estou melhorando, compadre, estou melhorando.

VIGÁRIO - (depois de olhar para os lados, com ar de mistério) Vossa Mercê já sabe que houve, a noite passada, sarrabulhada grossa no largo do Paço? Que o povo amotinado exigiu a demissão do Ministério?

X Gerson levanta  
se vai ao ~~centro~~  
X Vira e pergunta

CONSELHEIRO - Li isto, hoje, no Jornal do Comercio.

CORTE

VADICO RI E VIGARIO SE MOSTRA DECEPCIONADO

P.P. de VIGARIO

VIGARIO - Não sabia que o Jornal já havia noticiado tal ocorrência. Bem, mas vamos então à segunda: Vossa Mercê já saberá o que se diz por aí à boca pequena? Andam dizendo que a Regência ameaçou mandar o menino-Imperador para a Europa e entregar o Governo a um estranho, caso se funde o Clube da Maioridade e os deputados liberais insistam na campanha.

CORTE

P.A. dos TRES

VADICO - Veja que miseráveis traidores, compadre.

CONSELHEIRO - Realmente são uns traidores. Os amigos, porem, veem um pouco atrasados. Esta manhã o deputado Antônio Carlos já me cientificou dessa falada intenção da Regência.

VIGARIO E VADICO SE MOSTRAM DECEPCIONADOS

VIGARIO - Caspitê! Que Vossa Mercê não dorme nas palhas.

VADICO - Duvido que o compadre saiba da novidade que eu trago, que aliás é a mais importante de todas.

CONSELHEIRO - Conte lá, compadre, vamos ver.

CORTE

P.P. de VADICO

VADICO - Bem... então lá vai. É que... é que... Bolas! Que era mesmo que eu ia dizer?

AFASTAMENTO até P.A. dos TRES

CONSELHEIRO - Cuidado, compadre! É preciso tratar-se, do contrário periga a cadeira de deputado que ha dezesete anos, desde a Constituinte, lhe vem sendo prometida. Em politica, compadre, vencem não os que esquecem, mas os que "sabem" esquecer.

VADICO - (abatido) Tem toda razão, compadre.

CONSELHEIRO - Bem, mas não se impressione e vamos lá à sua importante novidade.

CORTE

P.P. de VADICO, olhando súplice para o Vigário que logo lhe cochicha algo.

VADICO - Ah, sim! É isto. Prepare-se, para uma grande alegria, compadre. Seu afilhado deverá chegar dentro de três ou quatro dias num veleiro norueguez.

CORTE

P.P. de ARNALDO, na escrivaninha, estremecendo todo.

AUDIO - ACORDE VIOLENTO.

CORTE.

P.A. dos TRES

CONSELHEIRO - Quem? O Waldemar? O seu filho?! Mas então sempre vai chegar o Valdemar? Aliás o "doutor Valdemar", o grande médico brasileiro que tanto sucesso fez em Portugal.

VADICO - (radiante) O compadre ainda não sabia dessa, não é verdade?

CONSELHEIRO - Não. Desta eu não sabia.

VADICO - (triumfante) Ah! Viu, senhor vigário viu?

CONSELHEIRO - Como as meninas vão ficar contentes! (resoluto) Compadre, fique avisado desde já: Valdemar virá aqui para casa.

AUDIO - ACORDE TRÁGICO.

CORTE

P.A. de ARNALDO desanimado.

VADICO - Está bem, está bem. O compadre manda.

CORTE

P.A. de BONECA, entrando sórrateira, tentando alcançar os carrapichos que estão no escabelo. Para repentinamente.

CORTE

P.A. de CONSELHEIRO

CONSELHEIRO - Boneca vem cá.

BONECA ENTRA EM QUADRO.

CORTE

P.P. de BONECA, encantada

AFASTAMENTO até enquadrar TODOS

BONECA - Pronto, Vôvô. Vinha preveni-lo de que o café está na mesa. (reverencia) Sua bênção, senhor vigário.

VIGÁRIO - Deus ilumine sua alma, iáíá.

TODOS - Amen.

BONECA - (Emocionada) A alma? A minha alma?

VIGÁRIO - Sim, iáíá, a sua boa alminha.

BONECA - (feliz, beijando-lhe a mão) Ah, obrigada, senhor vigário. Muito obrigada. (reverencia a Vadico) Boa tarde senhor Vadico.

VADICO - (pegando as abas do fraque e imitando-a) Muito boa tarde, iáíá.

BONECA - Mas sentem-se.

VADICO - (sentando-se com vigário) Agradecido

CONSELHEIRO - Boneca, o compadre trouxe-nos hoje uma notícia das mais alviçareiras. Sabes quem está para chegar?

CORTE

P.P. de BONECA, muito alegre

CORTE

P.P. de CONSELHEIRO, intrigado

BONECA - O Valdemar, vôvô?

CONSELHEIRO - Sim, ele mesmo. Mas como adivinhaste?

P.G. da CENA

BONECA FICA EMBARAÇADA SEM SABER O QUE DIZER O VIGÁRIO CORRE EM SEU AUXÍLIO.

VIGÁRIO - Óra, óra, senhor Conselheiro! Intuição femenina.

BONECA - Sim, deve ser isto. E quando ~~vira~~ chega ele, Vôvô?

VADICO - Dentro de três ou quatro dias, iáíá. E virá hospedar-se aqui.

BONECA - Ih, a mana vai ficar muito satisfeita! Dão-me licença que vou preveni-la, sim?

VIGÁRIO E VADICO SE CURVAM ASSENTINDO. ELA SE VIRA E COMEÇA A SE AFASTAR MAS DA COM ARNALDO E PARA INSTANTANEAMENTE.

CORTE.

P.A. de ARNALDO angustiado e Iáíá Boneca desapontada e penalizada.

CORTE  
P.G. da CENA

CONSELHEIRO VENDO-A PARADA PERTO DE  
ARNALDO, SEM COMPREENDER A SITUAÇÃO

CONSELHEIRO - Que foi, Boneca?

BONECA - Vovô, é que... (coça a cabeça)

Não seria melhor que o Snr. Vigário e seu  
Vadico dessem a notícia à mana? Ela já se  
levantou e está no alpendre trabalhando  
nas rendas,

VIGÁRIO - Bem pensado.

VADICO - Pois proponho que vamos os três  
levar-lhe esta notícia e na volta filamos  
o café do compadre.

*Todos levantam*

VIGÁRIO - Magnífico! E depois dona Dêdê  
também deve estar por lá, não é isso seu  
Vadico?

VADICO - Bem... isto é... quer dizer...

eu... eu... O que era mesmo que eu ia di-  
zer?

VIGÁRIO - Agora tenha paciência mas você  
não ia dizer nada.

CORTE

P.P. de VADICO perdendo o jeito  
e se atrapalhando tod.

AFASTAMENT O até enquadrar VIGARIO,  
tomando-lhe o braço

SAEM TODOS, MENOS ARNALDO QUE FICA SENTADO  
NA ESCRIVANINHA, COM A CABEÇA INCLINADA SO-  
BRE AS MAOS.

CORTE

P.A. de ARNALDO triste.

CORTE

DET de reposteiro.

BONECA BOTA A CABEÇA NO REPOSTEIRO, ESPIA  
PARA TODOS OS LADOS E VEM CORRENDO DEBRUÇAR-  
SE SOBRE A ESCRIVANINHA.

PAN.HOR. acompanha BONECA.

ARNALDO LEVA UM SUSTO E TEM UM SOBRESSALTO

P.A. dos DOIS

ARNALDO - Que susto, iáíá! Mas foi bom  
ter voltado. Quero agradecer-lhe a deli-  
cadeza. É muito boa, iáíá.

BONECA - Acha mesmo, seu Arnaldo?

ARNALDO - Bem compreendi sua recusa. Mas  
nada adianta. Meu destino está traçado.

BONECA - Que é isso, seu Arnaldo? Então  
já perdeu as esperanças por tão pouco?  
Voltei aqui para dizer-lhe que a mana...